

**A SEMANA – 193\***

9 de fevereiro de 1896

Pessoa que já serviu na polícia secreta de Londres e de New York<sup>1</sup> tem anunciado nos nossos diários que oferece os seus préstimos para descobrir coisas furtadas ou perdidas. Não publica o nome; prova de que é realmente um ex-secreta inglês ou americano. A primeira ideia do ex-secreta local seria imprimir o nome, com indicação da residência. Não há ofício que não traga louros, e os louros fizeram-se para os olhos dos homens. Não tenho perdido nada, nem por furto, nem por outra via; deixo de recorrer aos préstimos do anunciante, mas aproveito esta coluna para recomendá-los aos meus amigos e leitores.

Não é oferecer pouco. Toda a gente tem visto a dificuldade em que se anda para descobrir uns autos que desapareceram, não se sabe se por ação de Pedro, se por descuido de Paulo.<sup>2</sup> Para tais casos é que o ex-funcionário de New York e de Londres servia perfeitamente. A prática dos homens, o conhecimento direto dos réus, o estudo detido dos espíritos, quando são deveras culpados, e torcem-se, e fogem, e mergulham, para surdir além, supondo que o secreta está longe, e dão com ele ao pé de si, são elementos seguros e necessários para descobrir as coisas furtadas ou perdidas, e, na primeira hipótese, para trazer o autor da subtração à luz pública. Os corações pios não queriam tanto; amando a coisa furtada, contentar-se-iam em reavê-la, não indo ao ponto de exigir que prendessem e castigassem o triste do pecador.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 40, p. 1, 9 fev. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 103-107). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> No *Jornal do Commercio* de 3 fev. 1896 (ano 75, n. 34, p. 6, col. 7), encontra-se o seguinte anúncio: “DEDECTORE OU SECRETO PARTICULAR / Um homem, com muita prática, como oficial na polícia secreta de Nova York e Londres, oferece os seus serviços em qualquer descoberta ou informações particulares, com toda a delicadeza e discrição; quem precisar de seus serviços, por favor, carta a Dedector, caixa n. 129, no escritório desta folha.”

<sup>2</sup> Machado de Assis refere-se, nestas crônicas, com frequência, a “autos desaparecidos”. Sobre o assunto, ver a nota 3, de John Gledson, em “A Semana – 175”, crônica de 6 de outubro de 1895. (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 237-244, jul.-dez. 2021)

Há três figuras impalpáveis na história, sem contar o Máscara de Ferro: são o homem dos autos, o homem do chapéu de Chile<sup>3</sup> e o homem da capa preta.<sup>4</sup> O do chapéu de Chile, que ainda ninguém atinou quem fosse, bem podia ser que já estivesse fotografado e exposto à venda na casa Natté,<sup>5</sup> se o negócio fosse incumbido ao anunciante. Não juro, mas podia ser. O mesmo digo acerca do homem dos autos, menos o retrato e a Natté, que só aceita pessoas políticas. Quanto ao homem da capa preta, perde-se na noite dos tempos, e não sei se o ex-secreta chegaria a ponto de descobri-lo. Desde criança, ouço este final de toda narração obscura ou desesperada: *e vão agora pegar no homem da capa preta*. A princípio, ficava com medo. Um dia, pedi a explicação a alguém, que acabava justamente de concluir uma história com tal desfecho. A pessoa interrogada (com verdade ou sem ela) disse-me que era um homem que furtara uma capa escura e andava depressa.

Se assim é, – e supondo que esteja vivo, – é natural que apenas deixe a capa nas mãos do ex-agente de Londres e de New York; o corpo continuará a fugir, e com ele o problema histórico. A polícia, se quiser o retrato do homem, terá de se contentar com a simples reprodução *astral* ou como quer que se chame aquela parte da gente que não é corpo nem espírito. Um oculista do meu conhecimento disse-me o nome da coisa, que só pode ser fotografada às escuras. Eu é que perco os nomes com grande facilidade; mas é *astral* ou acaba por aí.<sup>6</sup> Será o único modo de possuir algum trecho do homem da capa preta; ainda assim, é duvidoso que o alcance, porque ele corre tanto que seguramente corre mais que a ciência.

Pois que a fortuna trouxe às nossas plagas um perfeito conhecedor do ofício, erro é não aproveitá-lo. Não se perdem somente objetos: perdem-se também vidas, e nem sempre se sabe quem é que as leva. Ora, conquanto não se achem as vidas perdidas, importa conhecer as causas da perda, quando escapam à ação da lei ou da autoridade. Não foi assassinio, mas suicídio, o dessa Ambrosina Cananeia, que deixou a vida esta

<sup>3</sup> O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* registra “chapéu-chile” e “chapéu do chile”. Agradecemos ao prof. Hélio de Seixas Guimarães esta observação. Preservamos a forma que vem na *Gazeta*.

<sup>4</sup> Em nota à edição desta crônica (ASSIS, 2013, p. 256), John Gledson diz: “O homem da máscara de ferro foi prisioneiro na França e morreu em 1703. A identidade dele era um mistério, pois ninguém tinha visto seu rosto. Especulava-se que era irmão ilegítimo de Luís XIV. A história foi aproveitada por Alexandre Dumas pai no último romance da série dos Três Mosqueteiros. O ‘homem do chapéu de Chile’ parece referir-se a um acontecimento de dezembro de 1889, quando houve uma tentativa de levante no Rio de Janeiro, contra a República, pelo Segundo Regimento de Artilharia. De acordo com a *Revista Ilustrada* de 15 de março de 1890, esse sujeito misterioso, ‘sebastianista’ (isto é, monarquista), ‘distribuía dinheiro para seduzir os pobres soldados’ – mas o cronista da *Revista* duvida da sua existência. O ‘homem da capa preta’ é certamente uma figura fantástica, inventada para meter medo em crianças. A Casa Natté era uma casa de modas da rua do Ouvidor, também mencionada na pecinha de teatro de Machado, de 1878, *O bote de rapé*.”

<sup>5</sup> Sobre a casa Natté, ver o final da nota anterior.

<sup>6</sup> Corpo astral é a “contraparte sutil do corpo humano que o acompanha em vida, raro dele se separando, e que sobrevive à morte”. (HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S., 2001, p. 843) Machado de Assis tinha aversão ao ocultismo.

semana.<sup>7</sup> Era uma pobre mulher trabalhadeira,<sup>8</sup> com dois filhos adolescentes e mãe valetudinária; morava nos fundos de uma estalagem da rua da Providência. O filho era empregado, a filha aprendia a fazer flores... Não sei se te lembras do acontecimento: tais são os casos de sangue destes dias que é natural vir o fastio e ir-se a memória. Pois fica lembrado.

A causa do suicídio não foi a pobreza, ainda que a pessoa era pobre. Nem desprezo de homem, nem ciúmes. A carta deixada dizia em começo: “Vou dar-te a última prova de amizade... É impossível mais tolerar a vida por tua causa; deixando eu de existir, você deixa de sofrer.” *Você* é uma mocinha de dezesseis anos, vizinha, dizem que bonita, amiga da morta. Segundo a carta, a mocinha era castigada por motivo daquela afeição, tudo de mistura com um casamento que lhe queriam impor; mas o casamento não vem ao caso, nem quero saber dele. Pode ser até que nem exista; mas se existe, fique onde está. Não faltam casamentos neste mundo, bons nem maus, e até execráveis, e até excelentes.

O que é único, é esta amiga que se mata para que a outra não padeça. A outra era diariamente espancada, quase todos os vizinhos o sabiam pelos gritos e pelo pranto da vítima, – “tudo por causa da nova amizade.” Não podendo atalhar o mal da amiga, Ambrosina buscou um veneno, meteu no seio as cartas da amiga e acabou com a vida em cinco minutos. “Adeus, Matilde; recebe o meu último suspiro”.

Os tempos, desde a antiguidade, têm ouvido suspiros desses, mas não são últimos. Que a morte de uma trouxesse a da outra, voluntária e terrível, não seria comum, mas confirmará a amizade. As afeições grandes podem não suportar a viuvez. O que é único é este caso da rua da Providência, – com a agravante de que a lembrança da mãe e dos filhos formam o *postscriptum*<sup>9</sup> da carta. Acaso seriam o *postscriptum* na vida? Ao médico não custará dizer que é um caso patológico, ao romancista que é um problema psicológico. Quem eu quisera ouvir sobre isto era o ex-secreta de Londres e de New York, onde a polícia pode ser que penetre além do delito e suas provas, e passeie na alma da gente, como tu por tua casa.



---

<sup>7</sup> O suicídio de Ambrosina Cananeia foi amplamente divulgado em jornais da época. Nesta crônica, Machado de Assis, a julgar pelos detalhes que fornece sobre o caso, leu a matéria intitulada “Drama Intrincado”, publicada em *O Paiz* (ano XII, n. 4145, 7 fev. 1896, p. 1, col. 4-5). Transcrevemos integralmente a matéria ao final desta crônica. O periódico *A Notícia* (ano 3, n. 33, p. 2, 8-9 fev. 1896) publicou outra versão do suicídio.

<sup>8</sup> Na cópia da GN da Hemeroteca Digital Brasileira, não é possível ler esta vírgula.

<sup>9</sup> *postscriptum*] pós-escrito – em SEM1953 (nesta ocorrência, e na subsequente).

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 335, p. 1, 01 dez. 1895. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=13149](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13149)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 40, p. 1, 09 fev. 1896. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=13587](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13587)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Organização, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

DUMAS FILS, Alexandre. *Péchés de jeunesse*. Paris: Fellens et Dufour, 1847.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

**ANEXO**

## DRAMA INTRINCADO

### DE MULHER A MULHER

*O Paiz* (ano XII, n. 4145, 7 fev. 1896, p. 1, col. 4-5)

Nos fundos da casa n. 53 da rua da Providência há uma estalagem pequena, estreita, com cinco ou seis quartos só, funebremente pintados no exterior à oca e piche.

Aí mora há tempos, num cubículo, Ambrosina Cananeia do Brasil, de 37 anos de idade, natural do Estado de S. Paulo. Aí fomos ontem ver esta mulher, morta, estendida sobre uma verdadeira tarimba apenas forrada por uma esteira.

É um tipo acaboclado, longos cabelos, grossos e negros, rosto anguloso e sobre o oval, cor macilenta, dentes altos e falhados. Vestia uma saia preta suja e um corpinho de chita azul com ramagens. Estava descalça. À cabeceira ardia uma vela de cera, posta em castiçal, sobre um mocho.

Não havia que ver em torno do cadáver de Ambrosina. Pequenos e velhos utensílios domésticos e um fogão de ferro com dois buracos, cinzas frias, onde devera estar uma mesa ou qualquer outro móvel digno de habitação humana. Extrema pobreza, portanto.

Ambrosina Cananeia do Brasil tinha consigo dois filhos: um rapaz de 15 anos, empregado no arsenal de marinha, e uma menina de 12, aprendiz de florista em casa de Mme. Rosenvald, onde a ia buscar todas as noites, às 8 horas.

Em quarto contíguo ao seu mora sua velha mãe, que a ajudava nos arranjos de casa enquanto ela se entregava ao pesado serviço de lavar roupas de fora.

Ontem pela manhã, assim que seu filho partiu em direção ao arsenal de marinha, acompanhando a irmã que devia ficar na rua do Ouvidor, Ambrosina encostou a porta do seu quarto; e quando, passados alguns minutos, a mãe procurou entrar, empurrou a porta a custo, porque alguma coisa lhe atravancava a passagem: era o corpo da filha que jazia inanimado em pleno chão.

Aos gritos da velha, de cujo rosto a pele encarquilhada não mais tem a propriedade de refletir as emoções, e cujos olhos, que dizem ser o espelho da alma, estão já velados pelo círculo senil, acudiu toda a vizinhança, e não houve mais do que constatar a morte de Ambrosina.

Junto do cadáver estava vazio um vidro de 120 gramas. Era o vidro em que ela sempre tinha oxalato de potassa (sal d'azedas) para tirar manchas de roupa; esse vidro cheirava, porém, a ácido fênico.

Avisada a polícia local, apresentou-se um inspetor que pelo telefone requisitou a presença de um médico legista. Em carro alugado por pessoas condoídas pela sorte da pobre mulher, seguiu pouco depois do meio-dia o Dr. Sebastião Cortes, que verificou o óbito como determinado pela ingestão do oxalato misturado com ácido fênico.

Um tóxico horroroso. Morta em 5 minutos; determinando primeiramente dores de estômago e vômitos, depois tornando lenta a circulação, o pulso imperceptível, e produzindo frio glacial e suores viscosos, até expirar sem um gemido.

Durante o exame cadavérico, o Dr. Sebastião Cortes achou no seio de Ambrosina uma carta aberta, e um pequeno embrulho de cartas antigas.

A carta explica o suicídio dessa mulher, a quem nenhuma vizinha atribui vícios nem defeitos. “Era uma boa alma”, dizem todos, “e uma criatura muito sincera”. Essa carta levanta o véu de um drama extraordinário, a que a polícia devia já desde ontem estar dando o melhor da sua atenção. Mas o Dr. Torquato, delegado da 10ª circunscrição, não apareceu no local do fúnebre sucesso!... Nem foi encontrado na delegacia pelo representante desta folha. O próprio escrivão estava ausente.

É uma carta escrita a lápis, com mão firme, sem absolutamente indicar o menor tremor. A última palavra, mesmo, está escrita com firmeza. Não tem assinatura. Eis o seu texto, escrupulosamente copiado.

“Matilde – Vou dar-te a última prova de amizade a ti por este meio de existência.

É impossível mais tolerar a vida por tua causa, deixando eu de existir você deixa de sofrer.

Tantos esbordoamentos, tanta prisão como tens sofrido desfeiteada por este vil do teu padraço que se prevalece do meu nome e de sermos amigas para saquear uma vingança sobre ti por não queres casar com ele, e sua mãe, depois de ter-te criado com tanto desvelo, depois de estares moça ela procurar este homem para seu amante dela, e depois ele se manifestar apaixonado de ti, ela sua mãe querer satisfazer todos intentos deste homem até o ponto bárbaro de todos os dias dar pancadas como quase todos os vizinhos sabem e escutam teus gritos, teu chorar, teu desespero e desculpas que é por minha causa tudo isto, por causa da nossa amizade, pois por esta razão eu deixo de viver porque assim tudo se descobre com o tempo. Eu morro, mas pensando em ti Matilde, o meu corpo cai por terra, mas meu espírito junto de ti estará e breve nós estaremos juntos no espaço infinito.

Adeus, Matilde; recebe o meu último suspiro como prova de amizade.” Na página seguinte lê-se isoladamente esta exclamação:

“Meu Deus, o que será de meus filhos e minha mãe?”

O “i” final da palavra mãe [“mãe”] está por concluir. Parece que o lápis aí se deteve por qualquer acidente.

---

Esta Matilde a quem se dirige a suicida é uma moça que mora em casa fronteira com sua mãe, viúva, que se acha amasiada.

Esta moça foi criada quase com Ambrosina, é formosa, morena, e conta 16 anos de idade. Possui alguns bens herdados; e parece que se trata de fazê-la casar com o amante da mãe, para que de seus bens se possa dispor à vontade, ficando tudo em casa.

Matilde repelia os galanteios do indivíduo que a própria mãe lhe recomenda como digno; e, tendo Ambrosina por sua amiga íntima, fazia dela a sua confidente e lhe contava os seus desgostos.

Essa circunstância e o fato de Ambrosina tomar grande parte nas dores de Matilde produziram exacerbação de ânimos na casa desta; e inaugurou-se então o regímen da pancada.

Matilde, com 16 anos, apanhava se falava com a vizinha, se lhe escrevia, se lhe mandava uma fruta, se dela recebia o que quer que fosse, se lhe pronunciava o nome, e até se abria a janela que dá para o lado da sua casa.

Continuando a repelir o grosseiro noivo que propunham, mais ia vendo apertado o círculo de ferro em que estava metida e que também angustiava o coração de Ambrosina.

Há dias, ouvindo os gritos da amiga que estava sendo castigada com umas cordas, Ambrosina ficou como doida, e declarou a quem a quis ouvir que ainda havia de se matar só para não sofrer vendo sofrer assim.

As cartas que Ambrosina tinha sobre o seio eram de Matilde, exceto duas que eram de sua mãe. Estas lhe fazem ver que “ela não tem nada com o que se passa na casa alheia, e que não tem direito de zelar pela menina que não é sua filha”. Aquelas são verdadeiras cartas de amor, cheias de expressões afetuosas, repassadas de um lirismo doentio, e impregnadas de queixumes. Matilde até faz versos à amiga; só deseja estar a seu lado, chama-lhe seu tesouro, mostra-lhe acrisolada adoração, e anseia pela sua liberdade para novamente lhe pertencer. Alude a pancadas que lhe dão, a torturas por que passa, e envia-lhe beijos, e remete-lhe a alma, e pede a morte, se não puder fugir ao suplício.

E estas cartas que já deviam estar em mãos da autoridade zelosa, que já deviam ter servido de base para um procedimento rigoroso em que se revelasse o préstimo da nossa polícia, estas cartas importantes continuam em mão de uma virtuosa senhora, que, compadecida de Ambrosina, ontem fez prodígios para evitar que ela fosse parar ao necrotério e para lhe fazer um enterro decente; hoje, se puder, irá cumprir este último dever – de pôr tais documentos em mãos do Sr. Dr. Torquato.

Louvado seja Deus! Há um crime a punir, há revelações preciosas escritas por uma criatura que se suicidou impressionada pelo excessivo sofrimento de outra; e ainda é preciso que os particulares corram atrás da polícia para lhe dar disso conhecimento. Louvado seja Deus!

---

Ambrosina Cananeia do Brasil foi sepultada ontem à tarde no cemitério de S. Francisco Xavier.

Em casa da sua amiga tudo esteve fechado desde que se espalhou a nova do suicídio. Ninguém de lá apareceu.

O caso presente é de uma originalidade que nos prendeu deveras a atenção. Achamos extraordinário este espírito de Ambrosina; é forte demais esta paixão.

Tendo mãe valetudinária e dois filhos mal entrados na adolescência, essa mulher esquece-os todos e dá-se à morte por amor de uma jovem estranha à sua família.

Pobre, vivendo miseravelmente, com um tipo sem expressão, sem um traço ameno, vulgaríssimo, ordinário inflamava-a um fogo singular, crestando-lhe a razão até ao desvairamento, e ditando-lhe à última hora frases sentidas, expressões do mais entranhado afeto e da mais extremada dedicação.

Isto posto de parte, sepultada a infeliz, restam os papéis que sentiram o calor de seu seio e o gelo de seu cadáver; esses papeis não devem apodrecer como o corpo de Ambrosina. Há alguém para quem eles decretam a liberdade.

Atentemos para a polícia.